

Publicação Especial do 2º Anuário de Apr. e P. de C. 57  
 abril - 1939

# Nível de vida rural

(Parte doutrinária do livro — "Capítulo de Sociologia Rural")

EVARISTO DE MORAIS FILHO

EMBORA, já em 1830, Le Play se preocupasse sobre o nível de vida, somente agora se tem concluído alguma coisa de definitivo a respeito do assunto. Le Play ficou como precursor, ou melhor, como iniciador. Os seus métodos já foram sobrepassados, já novas técnicas foram acrescidas à sua técnica de pesquisa direta e monográfica. Como se sabe, o seu método consistia em fazer inquéritos sobre um certo número de famílias. Para isso Le Play indicou e convenceu de que a família padrão, a característica, é a família operária, porque está mais à mercê das mudanças das condições sociais, é mais econômica, sua substancia depende diretamente do trabalho dos seus membros, vive em muito maior contato com a localidade e seus produtos, etc. Dentre essas famílias, Le Play procurava ainda as mais típicas, inquiria do seu orçamento, da sua biografia, afim de esclarecer a sua situação social. Por esses casos típicos, ele penetrava a realidade social da região. O método leplayano é denominado de **intensivo**, em contraposição ao **extensivo**, que recolhe indicações do maior número possível de famílias e que multiplica as "experiências" ao infinito, com o intuito de diminuir ou anular qualquer erro de observação. Quanto ao método Le Play e especialmente a respeito da eleição das famílias típicas, disse Maurice Halbwachs — o mais completo pesquisador desse capítulo na Escola Sociológica Francêsa — que ele não indica, na sua doutrina, nenhum elemento que nos possa conduzir com certeza à **família típica**. Só ele, Le Play, podia conseguir isso facilmente, pelas suas múltiplas observações, como o guia experimentado que conduz o viajante rapidamente ao lugar desejado (1). A mesma crítica foi feita por Paul Bureau, seu discípulo e admirador (2). Hoje, como confessa este último autor, o método de Le Play está velho e desusado. Contudo, ainda há autores, como Carle C. Zimmerman, que lhe rendem homenagens e reconhecem os seus méritos de pesquisador e de animador da sociologia aplicada.

Nos Estados Unidos contam-se em grande número de livros e os ensaios sobre o nível de vida, quer rural ou urbano. Nunca país nenhum se esforçou tanto por estudar e resolver seus problemas do campo. A formação mental do autor destas linhas a este respeito gira em torno dos ensaios dos professores norte-americanos, porque são os mais exatos e os mais completos.

Todos os sociólogos rurais são unânimes em declarar que o capítulo referente ao nível de vida é o mais central e complexo de toda a sociologia rural. Eis as palavras de Augusto W. Hayes: "Poucos assuntos tratados em um texto de sociologia rural penetram mais profundamente no coração dos problemas rurais, sociais e econômicos do que a consideração sobre os níveis de vida" (3). É isso porque tudo concorre para a sua formação. Como todo o fenômeno social, é ele o resultado de uma série de outros fatores sociais. Surge da inter-dependên-

cia, do entrosamento, da cooperação de todas as relações sociais. Nível de vida significa somente "nível econômico". Embora este último seja o primordial, o básico, existem muitos outros "níveis". São esses "níveis" que, como partes, vão constituir o grande nível de vida de qualquer grupo humano como um todo. Por isso, alguns autores americanos preferem a expressão "standard of life" (padrão de vida) em lugar de standard of living" (padrão de viver). Entre eles, encontra-se o professor Kirkpatrick — talvez a maior autoridade viva nessa matéria e cuja dissertação do seu doutorado em Cornell, em 1921, versou sobre o assunto. Para ele, "standard of life" vai além de simples orçamento e abrange a soma total de todos os valores sociais, mesmo os intangíveis, que possam se originar da aquisição e do uso dos bens do tempo na satisfação dos desejos humanos. Nível de vida abrange o lado material e o espiritual, o dinheiro e o ideal, o trabalho e o lazer, a cultura e a educação. Seu conceito é o mais amplo possível, ele trata da vida rural em todas as suas manifestações. Vai desde a receita-despesa, a renda, até as aspirações, o bem-estar, os desejos do habitante do campo (4).

## CONCEITUAÇÃO DO NÍVEL DE VIDA

Passemos à conceituação do nível de vida. Ainda em livro recente, Carl C. Taylor assim o definiu: "Definiremos o nível de vida como as coisas materiais, os usos do tempo e as satisfações, que são parte dos hábitos do povo bastantes para constituir um plano de vida" (5). Nas **coisas**, estão incluídas as necessidades, o conforto e o luxo. Necessidades significam alimento, casa, roupa, saúde, transportes, etc. Conforto inclui tudo que, não só impede sofrimento físico e desconforto, como também os bens que proporcionam satisfação psíquica ou social. Luxos, como o seu próprio nome o indica, podem faltar sem que isso acarrete dano à manutenção da vida ou traga sofrimento físico. Contudo, eles são necessários como medida da realização dos desejos, do sucesso na vida, do êxito, etc. Por isso autores como Rok Hinman Holmes (6) fazem distinção entre nível desejado, imaginado, querido e o nível de vida real, já alcançado. E quando se fala nesta última espécie de nível de vida, tem-se sempre em vista um dado grupo, uma certa região e nunca a sociedade em geral ou o indivíduo isolado. Sem o grupo correspondente, é impossível ao indivíduo alcançar um nível de vida estável e permanente. O grupo impede o indivíduo a se acomodar, a se adaptar a seu nível de vida geral. Se não em todos os seus detalhes, pelo menos em sua maior parte. Por outro lado, o que importa fixar no estudo sobre o nível de vida é o seu aspecto ecológico, regional, restrito. De região em região, pelo seu acondicionamento natural e social, varia o nível de vida. O conceito de nível de vida é sempre limitado.

Interessante é a definição de nível de vida dado por Gustav A. Lundquist e Thomas Carver. Assim definem (7): "O padrão de vida do indivíduo é de tal importância para ele, que sacrificará seu desejo de constituir família até que ele consiga rebaixar o seu padrão de vida, ou adiará o casamento até que sua renda o torne capaz de manter a família de acordo com seu padrão de vida". Expliquemos essa definição, que é das mais práticas, embora a princípio pareça confusa. Um alto padrão de vida é aquele no qual um grande número de coisas, algumas muito caras, são preferidas ao casamento. Um baixo padrão de vida é o contrário, isto é, nele somente poucas coisas e algumas muito baratas são preferidas ao casamento. Por exemplo, um homem com baixo padrão de vida se casará mais facilmente de que um outro com um alto padrão de vida. E isso porque as necessidades do primeiro são menores que a do segundo. O primeiro satisfará suas necessidades com menos dinheiro do que o segundo. Se o primeiro precisa somente de pão, o segundo precisará de pão e de manteiga. E mais alto padrão de vida do que os dois anteriores será o de um terceiro que precise de pão, manteiga e ainda mais geléia. Nesta amostra prática, o pão significa necessidade; a manteiga, conforto; e a geléia, luxo. Por esses exemplos, ficou patente

- (1) H. Halbwachs — **La classe ouvrière et les niveaux de vie** — Paris — 1913 — pag. 158.
- (2) Paul Bureau — **Introduction à la Méthode Sociologique** — Paris 1926 — pag. 7: "... e a própria lembrança do embaraço no qual Le Play deixou seus melhores amigos com a sua morte..."
- (3) A. W. Hayes — **Rural Sociology** — Nova York — 1929 — pag. 134.
- (4) Foi por essa razão que a Escola de Ciência Social abandonou o método do orçamento de Le Play, por tê-lo como insuficiente e unilateral. Embora o próprio Le Play houvesse notado essa lacuna, não pôde preenchê-la. Somente em 1884, foi ela preenchida pela nomenclatura de H. de Tourville. O argumento mais comumente apresentado contra Le Play é o de Paul de Rousiers. Lembra ele que o "Chiffonier de Paris", que não faz nenhuma despesa com religião, é um dos maiores professantes da religião católica e profundamente imbuído de sentimento religioso.
- (5) Carl C. Taylor — **Rural Sociology (Its Economic, Historical and Psychological Aspects)** — Nova York — 1933 — pag. 162.
- (6) R. H. Holmes — **Rural Sociology (The family-farm institution)** — Nova York — 1932 — pag. 121.
- (7) G. A. Lundquist e Th. N. Carver — **Principles of Rural Sociology** — Boston — 1927 — pag. 234.

que o nível de vida afeta profundamente a população. Onde é para baixo, ha tendência para grandes famílias; onde é alto, a tendência é para o celibato e pequenas famílias. A tal ponto essa questão impressionou aos estudiosos do assunto, que Georg H. von Tunghen, em trabalho publicado: "Talvez já tenha chegado o tempo de ensinar ao fazendeiro, ou o fazendeiro ensinar a si próprio, a ter somente duas crianças por família onde atualmente há quatro ou mais". Contudo, a influência do tamanho da família sobre o padrão de vida não é tão simples como parece á primeira vista. O professor Thaden, por exemplo, em um inquerito feito em Iowa, em 1926, concluiu que as crianças são, ás vezes, elementos de elevação do padrão de vida. Muitas vezes, elas produzem, anualmente, o bastante para seu próprio sustento, porque é sabido que no campo toda família trabalha em prol da renda comum. Tudo isso significa que está se processando a luta entre a família rural tradicional, grande, patriarcal e a família moderna, pequena.

### A SOLUÇÃO DO PROBLEMA

A solução desse problema depende do ponto de vista pelo qual se veja a influência da criança sobre o padrão de vida. Se a tivermos como um peso morto na família, é natural que a vitória pése para o lado da pequena família e que isso acarrete rebaixamento do nível de vida. Se, pelo contrário, a olharmos como elemento produtor, grande-família indica elevação de nível de vida. Acreditam os adeptos da pequena-família que a limitação dos filhos por si só é capaz de trazer uma elevação de padrão de vida. Ainda segundo Thaden, essa asserção deve se limitar aos centros urbanos, onde os filhos menores dificilmente podem ajudar os seus pais na manutenção do lar. São dêles as seguintes palavras, que resumem o resultado de um estudo exaustivo e minucioso: "Se a proporção dos gastos totais invertidos em melhoria é indicativo do padrão de vida, se concluirá do quadro VI (no estudo) que o mais baixo padrão de vida é o dos lares com poucos ou nenhum filho, ou sem nenhuma criança, e que o padrão de vida cresce ligeiramente entre as famílias na proporção em que o número de crianças aumenta até áquelas com cinco filhos" (8). Nas famílias dos proprietários rurais, os filhos são cooperadores na economia domestica, embora o numero seja superior a cinco. Hayes lembra por outro lado, que as crianças são estímulos para os seus pais na luta pela vida. Mas, é próprio acrescenta que essa ambição de vencer na vida não aumenta com o numero de filhos... Em vista das opiniões tão desencontradas e todas dignas de fé, a razão parece estar com R. H. Holmes, para quem a influência das crianças varia tanto de fazenda para fazenda que nada ainda se poderá dizer de definitivo no estado atual dos nossos estudos. Com receio de baixa de padrão de vida, os adeptos da pequena-família não hesitam até em aconselhar as migrações em massa para a cidade. Dizem que um baixo nível de vida póde ocasionar superpopulação nos campos. E superpopulação significa desemprego e baixa de salário. Com isso tocamos outro ponto interessante da questão: a influência do padrão de vida sobre o salário.

Como já ficou dito atrás, nível de vida não se limita somente ao "nível econômico". Nível de vida é muito mais que salário, renda, despesa-receita. Quasi sempre, de fato, com o aumento de renda, dá-se também uma elevação no padrão de vida. Agora, pergunta Dwight Sanderson, quando é que a alta de renda produz necessariamente alta do padrão? Ou esta alta de renda é meramente uma condição? Ou é, pelo contrário, um padrão previamente desejado que forma e condiciona essa alta de renda? Em resposta a esta ultima sua pergunta, éle cita a opinião do dr. Devine, que é decisiva: "No final de contas, os padrões não são determinados pelos salários ou outra qualquer renda, mas, pelo contrário, os próprios padrões são o fator dinamico que influencia as rendas — eis o estranho paradoxo a que nos conduz um estudo sério do assunto".

Na diferença entre renda e padrão de vida, está inclusa a questão da medida do nível de vida. E isso porque a medida desde logo apontada é o dinheiro, que como veremos constitue uma média social muito pobre. Contudo, até agora, no atual estado da sociologia, é o único que póde servir de medida. Quem se limita a ver todo o padrão de vida somente através da renda, sacrifica quasi todo o elemento social que o mesmo contém. A sociologia de hoje já não se restringe tanto a estatísticas, a leis de grande número, a méros dados contabilísticos. Por entre a malha desses dados concretos, escapam muitos fatores imponderáveis, e que, nem por isso, são os menos determinantes. O economista é que dá sua tarefa por finda ao ter levantado o orçamento de qualquer região. Nisso se reduz o seu trabalho. Aliás, o proprio Le Play, que foi o iniciador do método do orçamento, confessou na **Introduction de Les Ouvriers européens** que teria escrito toda aquela obra em forma e linguagem de contabilidade, não fosse o receio de torna-la incompreensível para a maioria dos leitores. Mas logo abaixo, éle completa que "existe várias particularidades que escapam a esta análise financeira da vida humana, ou que não se manifestam de maneira bem nítida" (9). Na "nomenclatura" elaborada em 1884 por Henri de Tourville já essa lacuna se encontra preenchida. Mas é na nomenclatura apresentada por Paul Bureau na obra anteriormente citada que a vida social se encontra, mais amplamente incluída em seus itens. Compõe-se de seis divisões que vão desde o lugar e a natureza de trabalho até á representação da vida e a religião. O salário é somente a secção VI da segunda divisão.

### RENDA E MODO DE VIDA

O modo de vida limita-se á secção VIII da terceira divisão. Como vemos, sem que seja necessário descer-se a detalhes, há muitos dados sociais que escapam ao controle da contabilidade. Carle C. Zimmerman, professor de sociologia na Universidade de Minnesota, que é uma das maiores autoridades sobre o assunto, apesar de reconhecer que a despesa-receita, só, não basta, ainda prefere os métodos lepayanos. Em quasi todos os seus levantamentos econômicos, éle se limita á renda, ao salário, etc. Haja vista os títulos dos seus trabalhos: "**Family living on successful Minnesota farms**", "**Incomes and Expenditures of Minnesota farm**

**and city families**", "**Incomes and Expenditures of village and town families in Minnesota**". E' deste último que vamos extrair um trecho significativo, que mostra bem a sua inspiração em Le Play: "O método de inquerito foi o usado. As comunicações foram visitadas durante o verão de 1927 e foi pedido ás famílias representativas que cooperassem dando informações sobre as questões arguidas". E pouco adiante: "Uma "pessoa" foi definida como um individuo de qualquer idade morando e comendo em casa por doze meses" (10).

Embora diferentes, a renda e o nível de vida são dependentes entre si. Não se confundem, mas se completam. Com dinheiro póde-se preencher muita coisa que falta ao nível de vida. Mas, de outro lado, é preciso não esquecer que o fundo geral no qual se movem a renda e o salário é o padrão de vida. Sem os estímulos sociais do nível de vida, o dinheiro não tem valor, por assim dizer. E' o nível de vida que torna possível a elevação da renda e que a valoriza. Dinheiro só, sem o estímulo social, é o mesmo que um Robinson Crusoe, milionario, em uma ilha deserta. Não ha dúvida que se mede as qualidades concretas, que por sua vez realizam e desenvolvem as intangíveis. Mas — repita-se — o dinheiro por si só não basta, por ser um meio excessivamente simples. Ele serve como medida universal — daí o seu prestígio — e pode-se tê-lo em tal conta até se conseguir melhor medida. A questão seria verdadeiramente pacífica se houvesse relações constantes, de causa e efeito, entre a renda e o nível de vida. Em tudo isso, só uma afirmativa parece verdadeira: a de que o padrão de vida condiciona e torna possível a elevação da renda. Com a elevação desta ultima, o nível de vida torna-se também mais alto. Logo, nenhum elemento do nível de vida basta por si só para medi-lo. Só éle próprio, ao todo, póde servir de medida. Mas, como reciproca, é o dinheiro que realiza a maior aproximação capaz de avaliar todos os itens do nível. Ainda assim, dentro do ponto de vista do dinheiro como qualidade e do uso dos bens adquiridos. O valor e a satisfação de certos bens e serviços variam de região a região, de individuo a individuo. Uns gastam em proporção ao que ganham, outros economizam mais. Como se vê, o assunto é bem complexo e trascende de muito os simples dados estatísticos e econômicos. Sob este ponto de vista e **grosso modo** é que se póde limitar a medida do nível de vida ao orçamento. E' tão complexa a questão da medida no nível de vida em geral, que C. C. Taylor acha que cada situação econômica ou social tem o seu padrão particular de eficiência e só através de todos os nossos conhecimentos, de ciências naturais e físicas, de ciências sociais e das artes, é possível eger-se criterios capazes de medir os processos e o padrão de vida.

(8) J. F. Thaden — **Standard of living on Iowa Farms** — Bulletin n. 238 — August. 1926.

(9) Le Play — op. cit. — pag. 22.

(10) C. C. Zimmerman — **Incomes and Expenditures of village and town families in Minnesota** — Minnesota Bulletin 253 — March, 1929 — pags. 3 e 5.

Para encerrar esta discussão, nada mais indicado do que a definição de padrão de vida dada por D. Sanderson, o grande mestre norte-americano: "Padrão de vida como é usado aqui refere-se ao objetivo, ao desejo, ao ideal da família com respeito ao seu modo de vida. Ele envolve o aspeto cultural, os desejos e os reclamos, elevando-se através da educação e das experiências dentro dos grupos locais e outros" (11). Como os meios mais aproximados para a medida do nível de vida, todos os autores costumam enumerar os seguintes critérios: alimento, roupa, casa, educação, saúde, recreação, religião, contactos sociais e progresso. Estuda-los-emos, aplicados ao Brasil, na segunda parte desse artigo.

### AS LEIS DE ENGEL

Da variação desses elementos entre si, é que surgiram as quatro famosas leis de Ernest Engel em 1857, republicadas quarenta anos mais tarde em um estudo sobre o custo de vida das famílias dos trabalhadores belgas. Ei-las:

1) Quando a renda de uma família cresce, diminui a percentagem gasta em alimento, mas, ao mesmo tempo, a despesa para alimentos aumenta em valor absoluto.

2) Quando a renda de uma família cresce, a percentagem da despesa em roupa permanece aproximadamente a mesma.

3) Em todas as rendas investigadas, a percentagem dos gastos em aluguel, combustível e luz permanece invariavelmente a mesma.

4) Quando a renda cresce em importância, dá-se constantemente um aumento na percentagem gasta com educação, saúde, recreação, divertimento, etc.

Embora essas leis sejam feitas em termos de "aumento", o contrário também é verdadeiro, isto é, em termos de diminuição de renda. F. H. Straightoff, em um detalhado inquérito feito sobre o padrão de vida entre as populações industriais dos Estados Unidos (1911), modificou as leis de Engel em dois pontos:

a) Os gastos com combustível e luz não permanecem constantes com o crescimento de rendas, e sim diminuem em relação à alta de renda;

b) Os gastos para fins culturais crescem em proporção absoluta e relativa, com a elevação da renda.

Na parte relativa ao Brasil, veremos a veracidade dessas leis. Mas, desde já, podemos adiantar que quasi todos os autores que trataram do assunto aceitam as emendas de Straightoff sobre a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> leis de Engel, mas todos eles são unânimes em proclamar a exatidão da 1.<sup>a</sup> e da 4.<sup>a</sup> leis.

Além das relações entre tamanho de família e do padrão de vida, ha ainda outras entre este mesmo padrão e o tamanho da exploração agricola. No inquérito do professor Thaden, ficou provado que, entre os proprietários, os gastos totais para melhoria augmentam igualmente com o tamanho da fazenda. Isso se não houver nenhum outro fator de variação no momento e se a capacidade do fazendeiro fôr a melhor possível no cultivo de suas terras e na sua economia.

Outro ponto que importa frisar é o da relação entre diferenças sociais e nível de vida. E' natural que o padrão de vida varie com a estratificação social. Um

## Capacidades alternativas para datilografos

DENYS W. HARDING

EM prévia investigação o A. mostra que os que tendem a introduzir ritmo em suas batidas, quanto mais marcam o proprio ritmo padrão mais eficientemente trabalham. O atual estudo é uma comparação entre os que introduzem ritmo e os que trabalham sem êle. Como resultado do estudo, o A. acha provavel que capacidades alternativas possam atingir o mesmo grau de habilidade, isto é, que os individuos não rítmicos sejam em média tão bons datilografos como os rítmicos.

Se o datilógrafo introduz ritmo será vantagem ritmar fortemente; mas não havendo tendência para isso, o trabalho poderá ser igualmente eficiente.

Ritmo em datilografia consiste em agrupar as batidas formando uma palavra ou frase de eacôrdo com um padrão próprio sugerido pela posição relativa das letras no teclado.

No 1.<sup>o</sup> caso, adquirir facilidade em datilografar uma palavra significa crear uma nova unidade de atividade muscular. No 2.<sup>o</sup> caso, as batidas formam uma sucessão habitual de movimentos independentes. Apesar de não ser grande a diferença entre os dois tipos de datilografos, pode haver a classe intermediária que ora segue o ritmo, ora trabalha ligando meramente as batidas.

As provas preditivas devem pesquisar e determinar a que tipo pertence o candidato e o treino deve levar também em conta essas capacidades alternativas. — L. C. V.

(I. D. O. R. T.)

proprietário, um arrendatário e um salarido rurais não podem ter o mesmo padrão de vida. O do dois últimos, por força deve ser mais baixo que o do primeiro. Na tésse de doutorado, em 1928, W. A. Sanderson mostrou que em Wake County, North Carolina, o proprietário rural gasta acima de duas vezes mais do que o arrendatário, na mesma área e com o mesmo número de pessoas na família. Ainda agora (1937), no relatório do Comité instituido pelo presidente Roosevelt para o estudo das necessidades rurais americanas, ficou patente que a situação dos arrendatários é peor do que a dos operários das cidades: "A extrema pobreza de 1/5 a 1/4 da população agricola reflete-se em um padrão de vida abaixo de qualquer nível de decência". E "muitas destas famílias são cronicamente sub-nutridas. São facilmente sujeitas a molestias" (12). Como veremos adiante, o mesmo se dá no Brasil.

### PADRÃO RURAL E URBANO

Para terminar este rapido esboço sobre o padrão de vida, resta-nos comparar o padrão rural com o urbano, o que justificará o título do capítulo. De um modo geral, o nível de vida rural é mais baixo do que o da cidade. Tanto assim que a classe dos arrendatários, entre nós, dos

meieiros, que representa a classe média rural, tem um nível de vida inferior ao dos salaridos urbanos. O que não dizer-se, então, dos salaridos rurais? Tudo isso ficará provado na aplicação destes estudos ao Brasil. E' sabido que o campo não goza das mesmas comodidades da cidade, não possui a mesma variedade de alimentos, de roupa, de casas. Suas construções são desprovidas de confortos modernos, de agua corrente, de gaz, etc. Não possuem as mesmas facilidades de socorro médico, nem as mesmas diversões que a cidade. Seus contactos sociais são reduzidissimos. Quasi não recebem estímulo social algum. De modo que o habitante do campo não póde obter muitas coisas, que são facilmente acessiveis ao homem urbano. Por isso, a gente rural procura, senão imitar, pelo menos invejar ou desdenhar a gente da cidade. A explicação do menor padrão de vida rural decorre logicamente do menor valor econômico da agricultura quando comparada com a indústria, quasi sempre localizadas nos centros urbanos.

Para abreviar, vamos transcrever as diferenças de padrão de vida no campo e na cidade, dadas, ao longo do capítulo do seu livro referente á nossa matéria, por Pitirim Sorokin e Carle C. Zimmerman (13):

"a) Os grupos rurais têm um padrão mais baixo do que a médias das classes urbanas;

b) os padrões de vida rural estão mais proximos dos das classes mais baixas da cidade do que das altas, especialmente os profissionais e os mais elevados grupos de proprietario;

c) a vida rural decorre mais da natureza do que dos locais de mercado;

d) a vida e os negócios da fazenda são unidade indiferenciadas, de tal modo que eles só podem ser separados de maneira arbitrária e irreal;

e) os fazendeiros têm um sentido mais forte do futuro do que a média da população urbana. A maior parte das suas rendas é economizada e empregada no futuro;

f) o ambiente rural que determina a distribuição do orçamento e os padrões de vida é consideravelmente diferente do ambiente urbano".

As diferenças poderiam se prolongar ao infinito. Tudo isso será ressaltado quando tratarmos do Brasil, uma vez que teremos dados concretos e criterios seguros de comparação. E não se pense que o padrão da vida rural não afeta o da cidade. São de tal maneira inter-relacionados, que os efeitos de um se fazem sentir no outro. Foi essa, aliás, a conclusão dos encarregados do inquerito presidencial (14). "O bem estar do campo e da cidade são fortemente interdependentes. Baixos padrões de vida no campo limitam a produção na cidade".

(11) Dwight Sanderson — **Farm Income and Farm Life** — University of Chicago Press — Chicago — 1927 — pag. 127.

(12) **Farm Tenancy** — Report of the President's Committee — February, 1937 — pag. 7.

(13) P. Sorokin e C. C. Zimmerman — **Principles of Rural-Urban Sociology** — Nova York — 1929 — pags. 74-76.

(14) **Farm Tenancy** — pag. 7.